

CARLA FILIPE

COM A CASA ÀS COSTAS

*OBRAS DA COLEÇÃO DE SERRALVES
E DO FUNDO DOCUMENTAL DA ESTAÇÃO
FERROVIÁRIA DE MIRANDELA*

25.09.24 — 06.01.25
Estação Ferroviária de Mirandela

SERRALVES FORA DE PORTAS OUT OF DOORS

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

Organização Organisation

Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

Curadoria Curator

Joana Valsassina

Produção e Assistência Curatorial Production and Curatorial Assistant

Carlos Magalhães Pinto

PUBLICAÇÃO PUBLICATION

Texto Text

Joana Valsassina

Coordenação Coordination

Sílvia Sacadura, Carlos Magalhães Pinto

Edição Copy-editing

Miguel Santos, Joana Bravo

Tradução Translation

John Elliott

Créditos fotográficos Photographic credits

© Filipe Braga, © nvstudio, © Fundação de Serralves; © Carla Filipe; © David Rato

Agradecimentos Acknowledgements

Carla Filipe, Lécio Leal, Maria Teresa Gomes Cordeiro

CARLA FILIPE

COM A CASA ÀS COSTAS

“O meu trabalho incide muito nesta matéria, repensar um passado de mudança que para muitos está adormecido na memória coletiva, mas muito vivo na memória individual de quem o viveu.”

‘My work is very much about rethinking a past of change that for many is buried in collective memory but is nevertheless quite alive in the individual memory of those who experienced it.’

Carla Filipe



Concebida propositadamente para o novo espaço cultural da Estação Ferroviária de Mirandela, *Com a casa às costas* apresenta um conjunto de obras de Carla Filipe (Aveiro, 1973) integradas na Coleção de Serralves, em diálogo com documentos históricos do Fundo Documental da Estação de Mirandela, selecionados pela artista e exibidos publicamente pela primeira vez neste contexto. Tomando como ponto de partida a natureza singular deste espaço e seguindo algumas das principais linhas de investigação de Carla Filipe, a exposição relaciona-se intimamente com o universo ferroviário e com a noção de viagem em sentido lato, enquanto deambulação e migração, como forma de evasão e subsistência. O seu título deriva de uma expressão idiomática¹ que remete precisamente para uma ideia de nomadismo, voluntário ou imposto, evocando a casa como lugar em movimento, feito da bagagem material e imaterial que trazemos no corpo.

Nascida numa casa da CP², ainda durante o Estado Novo, Carla Filipe cresceu nas proximidades do Entroncamento – cidade integralmente desenvolvida em torno dos caminhos de ferro –, num período de grande mobilização social e política, onde “a rua era o palco para todas as imagens gráficas e frases de mudança”³. Filipe estabeleceu-se mais tarde no Porto, onde iniciou o seu percurso artístico participando ativamente na dinamização de espaços independentes de espírito associativo, geridos por artistas radicados naquela cidade. Ainda assim, o seu trabalho desenvolve-se sobretudo em andamento: percorrendo o país de comboio e a cidade a pé; registando passagens, paragens e os seus pareceres; recolhendo fragmentos e estórias;

1 Recurso frequente na prática de Carla Filipe, como é o caso de títulos derivados de diferentes tipos de expressões como *O Povo Reunido, Jamais será - Representações gráficas* (2009-2010), *da cauda à cabeça* (2014-2021), ou *Há Gente na Via* (2022), que nomeiam obras, projetos expositivos e publicações da artista.

2 Habitação construída pela companhia de caminhos de ferro portuguesa, CP – Comboios de Portugal, para alojar os seus funcionários.

3 Entrevista a Carla Filipe conduzida por Catarina Rosendo, “Carla Filipe: In my own language I am independente”, *Contemporânea*, (n. 07-08-09), 2023. Disponível em contemporanea.pt.

recorrendo à fotografia e ao desenho, à *frottage* e ao *stencil*, à memória e à escrita; encarando *a rua como estúdio* e a viagem como *experiência flutuante* entre o espanto e a desilusão⁴.

Com a casa às costas traduz a natureza nómada do trabalho da artista de diversos modos, reunindo obras relacionadas com esta temática concebidas em diferentes momentos e lugares, entre 2010 e 2021, em território nacional e no âmbito de residências artísticas no estrangeiro, nomeadamente em Londres e em Antuérpia. Por outro lado, ao integrar o Programa de Exposições Itinerantes da Coleção de Serralves, *Com a casa às costas* está, efetivamente, em viagem, adaptando-se aos diferentes espaços que a acolherão ao longo do seu percurso pelo país.

A exposição desenvolve-se a partir de um importante corpo de trabalho pertencente à coleção da artista e recentemente depositado na Fundação de Serralves, intitulado ***da cauda à cabeça. Museologia de uma comunidade e vivência ferroviária*** (2014–2021). Apresentado originalmente na exposição homónima da artista realizada no Museu Berardo em 2014⁵, *da cauda à cabeça* integra um vasto conjunto de objetos, peças de mobiliário e fragmentos arquitetónicos provenientes de estruturas ferroviárias, recolhidos e inventariados por Carla Filipe ao longo de vários anos. À primeira vista, o “núcleo museológico” aqui apresentado não enuncia uma relação precisa e direta com o imaginário coletivo associado ao mundo ferroviário, apontando antes para alguns dos temas

4 Referências a obras, expressões e citações utilizadas pela artista: “*a rua como estúdio* (2017), processo de trabalho”, *Carla Filipe. In my own language I am independente*, cat. exp., Fundação de Serralves, 2023, p. 122; série de obras “*Experiência Flutuante - Paisagens Gráficas*” (2010) apresentadas nesta exposição; referência a uma célebre passagem do *Diário* de Miguel Torga de 1937, citada por Carla Filipe numa inscrição integrada na obra *Partilha de Conhecimento* (2013): “Viajar é (...) desfazer-se em espanto, em desilusão, em saudade, em cansaço (...)”, *da cauda à cabeça*, cat. exp., Fundação de Arte Contemporânea - Coleção Berardo, p. 15.

5 Esta exposição, com curadoria de Pedro Lapa, integrava um conjunto mais amplo de artefactos, bem como outras obras da artista, objetos pertencentes a coleções privadas e registos audiovisuais de outros autores.

implícitos na pesquisa da artista neste campo que se revelam estruturais em toda a sua prática.

8 Importa notar que a investigação de Carla Filipe em torno dos caminhos de ferro, desenvolvida desde o início da década de 2000, extravasa largamente a dimensão autobiográfica, abarcando a análise de fenómenos de ordem social, política e económica à escala local e global. Como nota frequentemente, o desenvolvimento dos caminhos de ferro acompanha e “confunde-se”⁶ com a história do país desde meados do século XIX até à atualidade, espelhando os ideais de progresso da Modernidade e o seu declínio. Os contornos e reviravoltas da sua história permitem desenhar o retrato de um país em transformação, enquanto testemunho e agente da industrialização, do advento dos movimentos sindicais e da organização laboral, da estratificação da sociedade e do ordenamento do território. A artista encontra neste complexo sistema um longo rol de temas por explorar, como explica: “A questão familiar é apenas um detalhe no meu interesse pelos caminhos de ferro, que abrange vários tópicos: os processos de privatização, as hierarquias de classe, a mulher no trabalho, ou a habitação social e suas infraestruturas, desde os centros de saúde às colónias de férias.” No fundo, o foco de Carla Filipe recai sobre a subsistência individual e coletiva associada a este contexto, mas, acima de tudo, sobre a forma como a vivência quotidiana condiciona, resiste e escapa a esta história.

O percurso expositivo desenvolve-se ao longo do primeiro piso da Estação de Mirandela, outrora de uso misto, acolhendo áreas de trabalho e também, como era habitual nestes edifícios, espaços de habitação para os funcionários da companhia. De facto, apesar de serem formalmente designadas como “edifícios de passageiros”, tendo em conta a sua essencial

⁶ Carla Filipe citada por Pedro Lapa, “Arquivo, Testemunho e Profanação”, *da cauda à cabeça*, op. cit., p. 26.

função pública enquanto ponto de ligação entre o sistema ferroviário e cada localidade, as estações de comboio são, em grande medida, edifícios de habitação⁷. A renovada Estação de Mirandela transporta a memória deste carácter doméstico para o seu uso presente, permitindo estabelecer uma relação generativa entre os binómios *estação-casa* e *casa-museu* explorada ao longo da exposição. O núcleo *da cauda à cabeça* que inicia e remata o percurso expositivo remete justamente para este uso misto dos espaços privados das estações, do domínio laboral e doméstico, composto por elementos como armários de escritório “feitos *por favor* nas oficinas da empresa”; fragmentos de azulejos de cozinha da casa “de uma funcionária sem tempo para lides domésticas”, ou objetos improvisados a partir de travessas ferroviárias “transformadas em banco e em pia para o porco”. As descrições fornecidas pela artista completam o seu idiossincrático projeto museológico, destacando gestos de superação e criatividade inscritos nestes fragmentos anónimos do quotidiano.

9 As salas de carácter histórico são reservadas à apresentação do material de arquivo selecionado por Carla Filipe a partir do Fundo Documental da Estação de Mirandela. Sobre as mesas originais que sobreviveram ao abandono do edifício, são expostos diversos tipos de documentos que relatam o dia a dia dos funcionários, a sua progressão profissional ou as condições de salubridade nos dormitórios em que viviam. Entre certidões, missivas, procurações e escalas datadas dos anos 1920 a 1990, o olhar da artista deteve-se nas peculiares *Folhas de Matrícula* de trabalhadores da Companhia Nacional de Caminhos de Ferro⁸, onde surgem registados os “Castigos”

⁷ Rui Manuel Vaz Alves, *Arquitetura, Cidade e Caminho de Ferro: As transformações urbanas planeadas sob a influência do caminho de ferro*, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, 2015, p. 556. Ana Rute Faísca e Pedro Gomes Januário, “A arquitetura ferroviária em Portugal: Os modelos iniciais e a possível origem do seu estilo”, *ARTis ON*, n.º 12, 2022, pp. 114-119.

⁸ Empresa responsável pela construção e exploração da Linha do Tua entre 1887 e 1945, aquando da transferência de todas as concessões ferroviárias nacionais para a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

a que estes foram sujeitos, com referência a cada “infração” e à respetiva “pena imposta”. Documentação como esta, que regista toda uma vida de trabalho – não apenas cada hora de entrada e saída, mas cada “desleixo”, ato de “indisciplina” ou “excesso de serviço”, traduzido em dias de “multa” ou “gratificação” –, abre portas para uma reflexão profunda acerca da complexa dimensão humana em que assenta todo este sistema, como tantos outros que estruturam a vida em sociedade. Apesar de colecionar e expor objetos e documentos, o que move a artista são as histórias que estes contam, escondem e permitem conjecturar: vestígios de quem faz e de quem manda fazer, de quem (se) sustenta e suporta o sistema, de quem assegura a viagem.

A importância do arquivo na obra de Carla Filipe é aprofundada nas salas centrais da exposição onde é apresentado o conjunto de colagens que compõe **Harbour of Antuérpia: cruzamentos históricos** (2014). Concebido durante uma residência na Air Antwerp, sediada naquela cidade belga, este trabalho centra-se nas ligações entre Portugal e a região Flamengo ao longo dos últimos cinco séculos. Empenhada em estudar a “diáspora e a resistência de comunidades sem lugar”⁹, Filipe segue o trilha da comunidade judaica sefardita expulsa de Portugal no final do século XV que se estabeleceu em Antuérpia, contribuindo profundamente para o seu desenvolvimento cultural e económico.

A instalação é composta por dez colagens de carácter palimpséstico, criadas a partir de páginas de livros, jornais e cadernos escolares dos anos 1960, às quais a artista sobrepõe desenhos e passagens de texto manuscrito, datilografado, fotocopiado e rasurado. Trata-se de um exercício de escavação, especulação e articulação de relatos históricos díspares, cruzando referências a judeus sefarditas forçados ao

⁹ Carla Filipe, em conversa com a curadora.

exílio e aos seus ilustres descendentes, como o filósofo Baruch Spinoza e a poeta Emma Lazarus; à mítica invenção da alheira transmontana pelos ditos cristãos-novos; à emigração portuguesa para a Bélgica durante o Estado Novo; à criação da Feitoria Portuguesa de Antuérpia no século XVI, que tornou a cidade numa “colónia de mercadores tugas”; ao papel de Aristides de Sousa Mendes durante a Segunda Guerra Mundial, e a outros tantos episódios de penosas viagens feitas com a casa às costas.

Os *cruzamentos históricos* que a artista aqui engendra são emblemáticos da atitude iconoclasta com que se debruça sobre a História, imune à preciosidade do artefacto, à clareza da cronologia e à autoridade da narrativa oficial. No seu trabalho de arquivo, tal como no seu trabalho de campo, fontes documentais são traspassadas pela tradição oral e popular – por tantas estórias excluídas da História – incorporando comentários, interpretações, questões, emendas e insinuações que baralham e enriquecem a percepção sobre o tema em análise. A sua linguagem, onde português e inglês se (con)fundem espontaneamente, é informal e veloz como o pensamento, repleta de erros ortográficos e gralhas, perguntas irónicas e respostas irreverentes, apartes levianos e reflexões profundamente consequentes que abrem espaço para o debate e permitem reconhecer que a História nunca é simples, única ou linear.

Ao longo da exposição surgem, isoladamente ou em grupo, um conjunto de obras que estabelecem uma relação distinta com a ideia de viagem. A série **“Experiência Flutuante - Paisagens Gráficas”**, concebida em 2010 no contexto de uma outra residência, nos ACME Studios, em Londres, resulta de longas caminhadas pela capital britânica, como forma de reconhecimento deste novo lugar onde reside, mesmo que temporariamente. Inspirada pela paisagem industrial de Hackney, a série é composta por tecidos de diferentes dimensões com grafismos evocativos da sinalética urbana. Utilizando técnicas próximas

da arte urbana, como a aplicação de tinta *spray* e o *stencil*, que permitem uma execução rápida e dinâmica, esta série antecipa trabalhos posteriores de Filipe, como os desenvolvidos na Robert Rauschenberg Foundation em 2015 ou a série “Be Part Of Chaos”, produzida em Viena em 2017, onde incorpora impressão serigráfica, *graffiti* ou a transferência por decalque de padrões encontrados na rua.

Variantes destas *experiências flutuantes*, suspensas das paredes e do teto, surgem recorrentemente no trabalho da artista.

A palavra inglesa *banner* – que se desdobra em português em termos como bandeira, estandarte, cartaz, pendão, faixa, insígnia – será talvez a mais apropriada para as identificar, por englobar diversos dispositivos de comunicação que ocupam por norma o espaço público, associados a gestos de protesto e palavras de ordem, a símbolos identitários, emblemas de coletividade e códigos universais inscritos na memória coletiva. Aqui, como em muitos outros trabalhos que recuperam a agitação das ruas que tanto marcou a infância da artista, o texto está ausente, restando a *paisagem gráfica*, aberta a novos sentidos e reivindicações.

Com a casa às costas tem como última paragem um espaço de leitura onde são disponibilizadas para consulta várias publicações de Carla Filipe, destacando o papel central do livro na prática da artista. “Sempre gostei muito de livros”, esclarece, “talvez porque era o que tinha mais próximo da cultura: ir à biblioteca, ter um livro. Não havia museus ao lado de casa. A cultura era o livro e a televisão.”¹⁰ Para além do catálogo da sua recente exposição antológica, *In my own language I am independente*, apresentada no Museu de Serralves em 2023, as publicações e livros de artista aqui mostrados expandem alguns dos temas centrais desta exposição, nomeadamente a relação com os caminhos de ferro, largamente desenvolvida pela artista neste tipo de suporte.

¹⁰ Entrevista a Carla Filipe conduzida por Catarina Rosendo, op. cit.

A publicação de grande formato *An Illustrated Guide to the British Railway to my Study* (2010) relaciona-se com esta temática, bem como com a série “Experiência flutuante - Paisagens Gráficas”, tendo sido concebida no contexto da mesma residência em Londres. Já o discreto *Boletim-architecture* (2013) assemelha-se à histórica gazeta publicada pela CP entre 1929 e 1970, simulando um exemplar da década de 1960 dedicado à arquitetura ferroviária, onde os conteúdos são cuidadosamente compilados pela artista e rematados com as suas habituais adendas e correções. O catálogo da sua importante exposição individual *da cauda à cabeça* (2014) permite mergulhar no projeto que serve de mote a esta exposição, enquanto a recente publicação *Há Gente na Via* (2022) reúne uma seleção de imagens do arquivo fotográfico que Carla Filipe construiu ao longo das últimas duas décadas.

Entre o desenho e a palavra, o fragmento e o livro, a vivência e a memória, a prática de Carla Filipe transforma esta *estação-casa* em *casa-museu*, num lugar em movimento, aberto a novos sentidos e reivindicações, onde a história nunca é simples, única ou linear.



Experiência flutuante – Paisagens gráficas, 2010

5 obras individuais

Spray sobre tecido

Dimensões variáveis

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.

Aquisição em 2012

14



Harbour of Antuérpia: cruzamentos históricos, 2014

Colagem sobre papel (10 elementos)

Dimensões variáveis

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.

Aquisição em 2021



da cauda à cabeça – Museologia de uma comunidade e vivência ferroviária, 2014-2021

Azulejos, armários, sulipas, ramos, pavimento de madeira, telha, lanterna, tecido, sinalética, impressão sobre papel (vários elementos)

Dimensões variáveis

Col. artista, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2023

15

Publicações Publications



1.



2.



3.



4.



5.

1. An Illustrated Guide to the British Railway to my Study, 2010
Londres: Edição de autor
Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

2. Boletim-architecture, 2013
Valência: Concreta
Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

3. da cauda à cabeça, 2014
Berlim, Lisboa: Archive Books, Museu Coleção Berardo
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

4. In my own language I am independente, 2023
Porto: Fundação de Serralves
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

5. Há Gente na Via (Volume I), 2022
Lisboa: Pierre von Kleist / MAAT
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto



Specially conceived for the new cultural space at Mirandela Railway Station, *Com a casa às costas* presents a group of works by Carla Filipe (Aveiro, Portugal, 1973) from the Serralves Collection, in dialogue with historical documents from the Mirandela Station Archival Collection, selected by the artist and shown here for the first time. Taking the unique nature of this space as its starting point and following some of Carla Filipe's main lines of research, the exhibition is closely connected to the railway world and the concept of travel in its broadest sense: as a form of wandering and escaping, of migration and subsistence. Its title derives from an idiomatic expression¹ that refers precisely to the idea of a voluntary or imposed form of nomadism, evoking the notion of the home as a place in motion, composed of the material and immaterial baggage that we carry with us.

Born in a CP house², still under the Estado Novo regime, Carla Filipe grew up near Entroncamento, a city shaped entirely by the development of the railways, at a time of great social and political upheaval, where 'the street was the stage for all the graphic images and slogans of change'.³ Filipe later settled in Porto, where she began her artistic career actively participating in independent artist-run spaces. Even so, her work is largely developed in motion: travelling the country by train and roaming the city on foot; recording shifting landscapes, random stops and wandering thoughts; collecting fragments and stories; making use of photography and drawing, *frottage* and stencil,

¹ Loosely translated to 'with one's home on one's back'. Carla Filipe frequently makes use of such idioms, as is the case with the titles of works, exhibition projects and publications like *O Povo Reunido, Jamais será - Representações gráficas* [The People Reunited Will Never Be - Graphic Representations] (2009-2010), *da cauda à cabeça* [from tail to head] (2014-2021), or *Há Gente na Via* [There are people on the track] (2022).

² A house built by the Portuguese Railway Company, CP - Comboios de Portugal, to accommodate its workers.

³ An interview that Carla Filipe gave to Catarina Rosendo, 'Carla Filipe: In my own language I am independente', *Contemporânea*, (n. 07-08-09), 2023. Available at contemporanea.pt.

memory and writing; considering *the street as a studio* and travel as a *floating experience* between awe and disillusion.⁴

Com a casa às costas reflects the nomadic nature of the artist's practice in different ways, bringing together works relating to this theme conceived at different times, between 2010 and 2021, and in a variety of places: both in Portugal and during artistic residencies abroad, namely in London and Antwerp. On the other hand, as part of the Serralves Collection Touring Exhibitions Programme, *Com a casa às costas* is effectively on the move, adapting to the different spaces where it will be shown as it travels around the country.

The exhibition is developed around an important body of work from the artist's collection recently deposited at the Serralves Foundation, titled ***da cauda à cabeça. Museologia de uma comunidade e vivência ferroviária*** [from tail to head. Museology of a railway community and life] (2014-2021). First shown at the Berardo Museum in 2014,⁵ *da cauda à cabeça* comprises a vast range of objects, furniture and architectural fragments from railway structures, collected and catalogued by Carla Filipe over the course of several years. At first sight, the 'museological nucleus' presented here does not herald a precise and direct relationship with the collective imagination associated with the world of railways, highlighting instead some of the themes implicit in Filipe's research in this field, which are structural components of her entire artistic practice.

⁴ References to works, expressions and quotations used by the artist: '*the street as a studio* (2017), a work process', *Carla Filipe. In my own language I am independente*, exhib. cat., Fundação de Serralves, 2023, p. 122; a series of works '*Experiência flutuante - Paisagens gráficas*' [Floating experience - Graphic landscapes] (2010) presented at this exhibition; a reference to a famous passage from Miguel Torga's *Diário* from 1937, quoted by Carla Filipe in an inscription included in the work *Partilha de Conhecimento* [Knowledge Sharing] (2013): 'Travelling is (...) dissolving into awe, disappointment, nostalgia, weariness (...)', *from tail to head*, exhib. cat., Fundação de Arte Contemporânea-Coleção Berardo, p. 15.

⁵ The exhibition *da cauda à cabeça*, curated by Pedro Lapa, included a wider set of artefacts, as well as other works by the artist, objects belonging to private collections and audiovisual recordings of different authors.

It is important to note that Carla Filipe's research into railways, which began at the start of the century, extends far beyond an autobiographical dimension. It encompasses a study of social, political and economic phenomena at a local and global scale. As she frequently notes, the development of railways has accompanied and become 'intertwined'⁶ with the history of Portugal since the mid-nineteenth century, mirroring the rise and fall of Modernity and its ideals of progress. The ups and downs of the history of railways paint the portrait of a country in transformation, as a testament and agent of industrialisation, of the emergence of trade union movements and labour organisation, of the stratification of society, and of land use planning. In this complex system, the artist finds a long list of themes to explore, as she explains: 'The family aspect is just a detail of my interest in railways, which covers various issues: privatisation processes, class hierarchies, women in the workforce, or social housing and its infrastructures, from health centres to holiday camps.' In essence, Carla Filipe focuses on individual and collective livelihoods within this context, but, above all, on how daily life shapes, resists and escapes this history.

The exhibition spreads across the first floor of the Station, which previously served different purposes, housing both office areas and, as was common in these buildings, the living quarters for the company's workers. In fact, although formally known as 'passenger buildings', given their essential public function of connecting the railway system and each locality, train stations are largely housing buildings.⁷ The renovated Mirandela Station retains the memory of this domestic character, making it possible to establish a generative relationship between the ideas of *station-house* and *house-museum*,

⁶ Carla Filipe quoted by Pedro Lapa, 'Arquivo, Testemunho e Profanação', *da cauda à cabeça*, op. cit., p. 26.

⁷ Rui Manuel Vaz Alves, *Arquitetura, Cidade e Caminho de Ferro: As transformações urbanas planeadas sob a influência do caminho de ferro*, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, 2015, p. 556. Ana Rute Faísca and Pedro Gomes Januário, 'A arquitetura ferroviária em Portugal: Os modelos iniciais e a possível origem do seu estilo', *ARTis ON*, n. 12, 2022, pp. 114-119.

explored throughout the exhibition. The nucleus *da cauda à cabeça*, presented at the beginning and end of the exhibition, refers precisely to this mixed use of the station's private spaces, straddling between the work and domestic spheres. It includes elements such as office cabinets 'made *by way of a favour* at the company workshops'; fragments of kitchen tiles from the house 'of a female worker with no time for household chores', or improvised objects made from railway sleepers 'transformed into a bench and a trough for the pig'. The descriptions provided by the artist complete her idiosyncratic museum project, highlighting gestures of resilience and creativity inscribed in these anonymous fragments from everyday life.

The historical rooms display the material selected by Carla Filipe from the Mirandela Station Archival Collection. Various types of documents are presented on the original tables that survived the building's abandonment, recounting the day-to-day activity of the railway workers, their professional progression or the sanitary conditions in their dormitories. Amid the myriad certificates, missives, powers of attorney and schedules dating from the 1920s to the 1990s, the artist's attention was drawn to the peculiar *Folhas de Matrícula* [Registration Records] of the National Railway Company workers,⁸ which recorded the 'Punishments' they were subjected to, specifying each 'infraction' and the respective 'penalty'. Documentation such as this, which recorded a whole life's work—not only each clock-in and clock-out time but also every 'lapse', every act of 'indiscipline' or 'excess service', translated into days of 'fine' or 'reward'—provides a rare insight into the complex human dimension underpinning this system, like so many others that structure life in society. Despite collecting and exhibiting objects and documents, what moves the artist are the stories they tell, conceal, and suggest: traces of those who execute and those who instruct, those who sustain and support themselves and the system, those who ensure each journey.

⁸ This was the company responsible for the construction and exploitation of the Tua Line between 1887 and 1945, when all the national railway concessions were transferred to the *Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses* (Portuguese Railway Company).

The importance of the archive in Carla Filipe's work is further explored in the central rooms of the exhibition, with the presentation of the work **Harbour of Antuérpia: cruzamentos históricos** [Harbour of Antwerp: historical crossovers] (2014). Conceived during an artistic residency at Air Antwerp, these collages delve into the ties between Portugal and the Flemish region over the last five centuries. Deeply interested in studying the 'diaspora and the resistance of displaced communities',⁹ Filipe follows the trail of the Sephardic Jewish community expelled from Portugal in the late fifteenth century, which settled in Antwerp and made a profound contribution to the city's cultural and economic development.

24 The installation is composed of ten palimpsestic collages, created from pages of books, newspapers and school notebooks from the 1960s, overlaid with Filipe's drawings and extracts of handwritten, typed, photocopied and erased text. It is an exercise in excavation, speculation and the articulation of disparate historical accounts, with cross-references to Sephardic Jews forced into exile and their illustrious descendants, such as the philosopher Baruch Spinoza and the poet Emma Lazarus; the legendary invention of the famous *alheira transmontana* (a non-pork sausage) by the so-called New Christians; the Portuguese emigration to Belgium during the *Estado Novo* dictatorship; the creation of the Portuguese Trading Post in Antwerp in the sixteenth century, which turned the city into a 'colony of *tugas*'¹⁰; the role of Aristides de Sousa Mendes during the Second World War, and so many other episodes of harrowing journeys made with their homes on their backs.

The *historical crossovers* engendered here are emblematic of the artist's iconoclastic approach to History, remaining immune to the preciousness of the artefact, the clarity of chronology and the authority of the official narrative. In her archival work, just as in her fieldwork, historical sources are permeated by oral

⁹ Carla Filipe, in conversation with the curator.

¹⁰ Slang term for Portuguese person.

tradition—by so many stories excluded from History—incorporating commentaries, interpretations, questions, amendments and insinuations that simultaneously blur and enrich our perception about each underlying topic. Her language, where Portuguese and English spontaneously merge, is informal and swift as thought, riddled with spelling mistakes and typos, ironic questions and irreverent answers, light-hearted asides and profoundly consequential reflections that create room for debate and allow us to recognise that History is never simple, unique or linear.

Throughout the exhibition, several works, shown either in isolation or as part of a group, establish a distinct relationship with the idea of travel. The series '**Experiência flutuante - Paisagens gráficas**' [Floating Experience - Graphic Landscapes], conceived in 2010 during an artistic residency at the ACME Studios in London, resulted from Filipe's long walks around the city, as a way of reconnoitring this new, albeit temporary, home. Inspired by Hackney's industrial landscape, the series is composed of different-sized fabrics with patterns evocative of urban signage. Using techniques similar to those found in urban art, such as spray painting and stencils—which allow for a quick and dynamic execution—this series anticipates Filipe's later works, such as those developed at the Robert Rauschenberg Foundation in 2015 or the series 'Be Part Of Chaos', produced in Vienna in 2017, incorporating silkscreen printing, *graffiti* or transfer decals of patterns found in the street.

25 Variants of these *floating experiences*, suspended from the walls and ceiling, are a recurrent feature of the artist's work. 'Banners' is perhaps the most appropriate word with which to identify them, as it encompasses a variety of communication devices that normally occupy the public space, associated with gestures of protest and slogans, identity symbols, communal emblems and universal codes inscribed in collective memory. Here, as in many other works that recapture the streets' frenzy that left such an indelible mark on the artist's childhood, the text is absent, leaving its *graphic landscape* open to new meanings and demands.

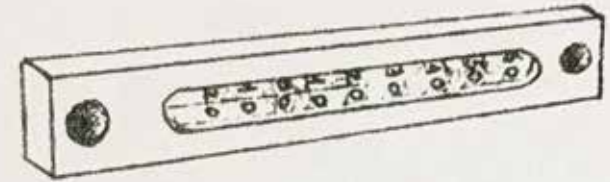
The final stop of *Com a casa às costas* is a reading area where various publications by Carla Filipe are available for consultation, underlining their central role in the artist's practice.

'I've always been very fond of books,' she explains, 'perhaps because this was the closest thing I had to culture: going to the library, having a book. There weren't any museums near my house. Culture was books and television.'¹¹ Alongside the catalogue of her recent anthological exhibition, ***In my own language I am independente***, presented at the Serralves Museum in 2023, the publications and artist's books shown here expand upon some of the central themes of this exhibition, namely the relationship with the railways, widely developed by the artist in this medium.

The large-format book ***An Illustrated Guide to the British Railway to my Study*** (2010), relates to this theme, as well as to the series 'Floating experience - Graphic landscapes', conceived during the same London residency. The discreet ***Boletim-architecture*** [Bulletin-architecture] (2013), resembles the historical *gazette* published by the Portuguese Railway Company (CP) between 1929 and 1970, simulating an issue from the 1960s dedicated to railway architecture, whose contents are carefully compiled by the artist and completed with her customary addenda and corrections. The catalogue of her important solo exhibition *da cauda à cabeça* (2014) offers further insight into the project at the heart of this exhibition, while the recent publication ***Há Gente na Via*** [There are people on the track] (2022) brings together a selection of images from the photographic archive that Carla Filipe has built over the last two decades.

Between drawings and words, fragments and books, experiences and memories, Carla Filipe's practice has transformed this *station-house* into a *house-museum*, into a place in motion, open to new meanings and demands, where History is never simple, unique or linear.

¹¹ Interview with Carla Filipe, conducted by Catarina Rosendo, *op. cit.*



TERMÓMETRO PARA CARRIS



TERMÓMETRO PARA BLS

TERMÓMETROS

LER READ

Jun'ichirō Tanizaki, *In'ei Raisan*, Osaka: Sōgensha, 1933 (*Elogio da Sombra*, Lisboa: ed. Relógio D'Água, 2008)

Maria Lamas, *A Mulher no Mundo*, Rio de Janeiro/Lisboa: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1952

Sindicato Nacional dos Arquitectos, *Arquitectura Popular em Portugal*, Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961

Susana Pereira Bastos, *O Estado Novo e os seus vadios: Contribuições para o estudo das identidades marginais e a sua repressão*, Lisboa: Dom Quixote, 1997

Inês Fonseca, *Aivados - Posse da Terra, Resistência e Memória no Alentejo*, Lisboa: Edições Dinossauro, 2006

Glória Ferreira e Cecília Cotrim (coord.), *Escritos de artista, anos 60/70*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

Al Berto, *Diários*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2012

VER SEE

Manoel de Oliveira, *Douro, Faina Fluvial*, 1931

Manoel de Oliveira, *A Caça*, 1964

Fernando Lopes, *Uma Abelha na Chuva*, 1971

Jorge Bodanzky e Orlando Senna, *Iracema - Uma Transa Amazônica*, 1974

António Reis e Margarida Cordeiro, *Trás-os-Montes*, 1976

António Reis e Margarida Cordeiro, *Ana*, 1982

Derek Jarman, *Blue*, 1993

Agnès Varda, *Os Respiçadores e a Respiçadora*, 2000

OUVIR LISTEN

Catherine Ribeiro + Alpes, *Paix*, 1972

GAC (Grupo de Acção Cultural), "Cantiga sem maneiras", em *Pois Canté!*, 1976

Ney Matogrosso, "Tem gente com fome", em *Fantástico*, 1979

Elis Regina, "Alô, Alô, Marciano", em *É demais*, 1980

Laurie Anderson, "Smoke Rings", em *Home of the Brave*, 1986

Cazuza, *Burguesia*, 1989

Music from Saharan Cellphones (volume I & II), 2011-2013

Legowelt, *Memphis Rap Mix*, 2013

Seleção de Selected by Carla Filipe

A Coleção de Serralves centra-se na arte contemporânea produzida desde os anos 1960 até à atualidade, distinguindo-se pela perspetiva internacional que proporciona sobre a arte portuguesa produzida a partir desse período histórico de mudanças políticas, sociais e culturais a nível planetário.

Cumprindo o seu programa de pesquisa e desenvolvimento permanentes, a Coleção de Serralves mantém uma aturada atenção à criação do século XXI, em particular à relação das artes visuais com a performance, a arquitetura e a contemporaneidade no âmbito de um presente pós-colonial e globalizado.

A Coleção de Serralves integra obras que são propriedade da Fundação de Serralves, incluindo um importante núcleo de livros e edições de artistas, e obras provenientes de várias coleções privadas e públicas que foram objeto de depósitos de longo prazo. De entre os acervos depositados em Serralves, que constituíram pontos de referência para o seu desenvolvimento, contam-se a Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE) e a coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

A presente mostra integra-se no programa de exposições e apresentação de obras da Coleção de Serralves, especificamente selecionadas para os locais de exposição com o objetivo de tornar o acervo acessível a públicos diversificados de todas as regiões do país.

The Serralves Collection focuses on contemporary art spanning from the 1960s to the present, offering an international perspective on Portuguese art since that historical period, which was marked by worldwide political, social and cultural change. In line with its continuous research and development programme, the Serralves Collection follows attentively the developments in twenty-first century creation, particularly in regard to the relationship between the visual arts and performance, architecture and contemporaneity in the context of a post-colonial, globalised present.

The Serralves Collection includes works that belong to the Serralves Foundation, including a significant corpus of artists' books and publications, as well as works on long-term loan from several public and private collections, which were crucial references for its formation, such as the Portuguese State Contemporary Art Collection (CACE) and the Luso-American Development Foundation (FLAD) Collection.

Carla Filipe. Com a casa às Costas is part of a programme of exhibitions and presentation of artworks from the Serralves Collection that are specifically selected for each location with the purpose of making the collection accessible to the public across all regions in the country.



Concebida para o novo espaço cultural da Estação Ferroviária de Mirandela, esta exposição apresenta um conjunto de obras de Carla Filipe (Aveiro, 1973) integradas na Coleção de Serralves, em diálogo com documentos históricos do Fundo Documental da Estação Ferroviária de Mirandela selecionados pela artista e exibidos publicamente pela primeira vez neste contexto. Tomando como ponto de partida a natureza singular deste espaço e seguindo algumas das principais linhas de investigação da prática de Carla Filipe, a exposição relaciona-se intimamente com o universo ferroviário e com a noção de viagem em sentido lato, enquanto deambulação e migração, como forma de evasão e subsistência.

Specially designed for the new cultural space at Mirandela Train Station, this exhibition presents a series of works by Carla Filipe (Aveiro, Portugal, 1973) from the Serralves Collection in a dialogue with historical documents from the Mirandela Train Station Archives, selected by the artist and publicly shown here for the first time. Taking the unique nature of this space as its starting point and following some of Carla Filipe's main lines of research, the exhibition is closely connected to the railway world and the concept of travel in its broadest sense: as a form of wandering and escaping, of migration and subsistence.

www.serralves.pt

MIRANDELA

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE MIRANDELA

Rua D. Afonso III, 5370-408 Mirandela

CONTACTOS CONTACTS

+351 936 667 655 | posto.turismo@cm-mirandela.pt

HORÁRIO SCHEDULE

Todos os dias Every day: 9h00 – 18h00

Apoio Institucional
Institutional Support

